

O LOULETANO

Bibliotheca Nacional LISBOA

JORNAL PROGRESSISTA — DIRECTOR POLITICO E EDITOR RESPONSÁVEL J. P. LAMÇA

 ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 1500 réis: numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé acresce o preço das estampilhas.
 Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou á rua da Barbaçam 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo commum, 20 réis, annuncios permanentes, ajuste particular. Anuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 2 exemplares. Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

LOULÉ

As fileiras do partido progressista em Loulé nunca ficaram desertas; faltaram-lhes n'um dado momento os chefes, mas as crenças nos principios porque sempre haviam combatido permaneceram firmes e arregaçadas.

E' necessario não tomar a falta de confiança nos homens pelo esmorecimento ou abandono de idéas politicas.

Os homens que, em tempos que já lá vão, dirigiam a politica progressista em Loulé, mais uma vez o diremos, morreram uns, bandearam-se outros pela ambição, e os sobreviventes que se não deixaram corromper, foram engrossar a legião dos *indifferentes*.

Foi por isso que o sr. Marçal Pacheco, apenas com um pequeno grupo, na maior parte composto de velhos regeneradores, pôde estabelecer predominio onde até então só havia sofrido derrotas.

Compreende-se o desalento dos soldados quando os commandantes abandonam o seu posto, seja qual for a causa que tal determine. Mas se a lucta se não travou durante um periodo relativamente longo, é certo que a differença nas crenças politicas permanecia e mais e mais se acentuava á medida que os intuitos do sr. Marçal Pacheco, dominante, se iam revelando.

Chegou mesmo um tempo em que os proprios amigos dos sr. Marçal Pacheco, velhos regeneradores, se revoltaram contra o chefe que a todo o momento e publicamente se jactava de não seguir nenhum dos partidos existentes e contra a velha regeneração que, apesar de tudo, preferia sempre os serviços do *independente*, á dedicação nunca desmentida dos seus fieis correligionarios.

E' n'este momento que os soldados progressistas, até aqui em abstenção forçada, se agitam na esperanza de encontrar dirigentes nos chefes dissidentes do grupo dos amigos do sr. Marçal Pacheco, ao mesmo tempo que a legião dos *indifferentes* se ia convencendo que o seu retraimento contribuia eficazmente para a longa serie de prepotencias que tudo pretendia avassallar.

O campo progressista encontrava-se naturalmente indicado a todos: muitos dos *indifferentes* sempre haviam militado no partido progressista e os dissidentes da

regeneração e do sr. Marçal Pacheco, cidadãos independentes, que tanto podiam ser republicanos como anarchistas, ou o que melhor lhes aprouvesse, tambem podiam ser honradamente solicitados a pugnar pelos principios exarados no programma progressista.

N'estas circumstancias, a legião dos dissidentes desaparece, os chefes dissidentes da politica do sr. Marçal, *competentemente solicitados*, adherem á politica do partido progressista e esta reorganisa-se em Loulé com a quasi totalidade das *individualidades respeitáveis* dos tempos que já lá vão, e mais honrados caracteres e sólidas influencias dos *antigos amigos* do sr. Marçal Pacheco.

Assim, se encontram hoje os progressistas de Loulé, vilipendiados pela *quadrilha* do sr. Marçal Pacheco, mas animados por toda a gente seria e honesta, e justamente considerados pelo illustre chefe do partido o sr. conselheiro José Luciano de Castro, que sabe e conhece muito bem o que por cá vae.

Notas algarvias

(Codice A-6-10 da Bibliotheca Nacional de Lisboa)

GOVERNADORES DO ALGARVE DE 1581-1718

1—Martim Corrêa da Silva que depois da morte de el-rei D. Sebastião, se achava em Castella com os juizes que deram a sentença do reino por el-rei D. Philippe I, e dezoito da série dos reis portuguezes, veio despachado para este reino (Algarve) por governador e capitão general d'elle.

2—D. Duarte de Menezes, conde de Tavora, que havia governado Tanger na perda de el-rei D. Sebastião.

3—Fernão da Silva, que havia sido embaixador em Castella, governou só 6 mezes.

4—Fernão Telles de Menezes. Foi excellent governador.

5—Ruy Lourenço de Tavora, que d'este governo foi para visó-rei da India.

6—D. Diogo de Menezes, conde de Iricerra, gentil-homem da camara d'el-rei, e da chave dourada. Fez n'este reino obras muito excellentes.

7—D. Manuel de Alencastro, filho do duque de Aveiro, governou oito annos; morreu na cidade de Lagos; está sepultado no côro baixo do mosteiro de freiras da mesma.

8—D. João de Castro. Tinha sido presidente da camara de Lisboa, e foi bom gover-

servado, atravez do tempo o dom de me recordar melhor do que todas as imagens certos pontos da terra e certas figuras que têm atravessado a minha existencia.

De forma que quando ouço, ao longe, ressoar as trompas, torno a ver, tão nitidamente como se ainda lá estivesse, um *boudoir* real (porque a fada de que fallo era ao mesmo tempo uma rainha) dando, pelas altas janelas gothicas, sobre um infinito de pinheiros verdes cerrados uns contra os outros, como em as florestas primitivas. O *boudoir* atulhado de cousas, é de uma magnificencia um pouco sombria, nas suas tintas indefinidas granadas attenuadas deitando a ruivo, coloridos de fogo que se apaga; ha galerias como pequenos balcões interiores, e grandes e pesadas *draperies* escondendo os recantos mysteriosos nas torrinhas... E a fada reaparece-me ali, vestida de branco, com um longo veu; está sentada defronte de um cavalleto e pinta em pergaminho, com um pincel leve e delicado, maravilhosas illuminuras archaicas onde, no genero bysantino, os ouros dominam tudo: um trabalho de rainha do tempo antigo, começado ha tres annos; um missal sem preço, destinado a uma cathedral. O costume branco, da fada, é de forma oriental tecido e lamellado de prata. Mas o rosto que se emmolda, sob as pregas transparentes do veu,

morreu na cidade de Lagos, e foram seus ossos para a de Evora.

9—D. Luiz Thomé, filho do sobredito, governou por eleição das camaras d'este reino enquanto não houve proprietario.

10—D. Afonso de Noronha, governou só seis mezes, e foi por visó-rei para a India.

11—D. Pedro Manuel. De governador de Tanger veio em direitura para este reino e governo, e por ter sido general na India, e pelos seus muitos merecimentos lhe veio o titulo de conde da Atalaya.

12—D. Luiz de Souza, conde do Prado, que de governador do Brazil veio governar este reino. Foi grande governador e esmolero.

13—D. Gonçalo Coutinho, governador de Mazagão d'onde veio governar este reino. Foi do conselho de estado porque vindo-lhe uma carta de el-rei em cujo sobrescripto por descuido se lhe dava este titulo, o mandou reconhecer pelos tabelliães, e recorrendo a castella, mandou el-rei que ficasse sendo do seu conselho de estado, visto ter-se-lhe assim escripto.

14—Henrique Corrêa da Silva, filho do 1.º governador d'este reino. Acclamou n'elle o invictissimo rei D. João IV de gloriosa memoria, então subido ao throno, o qual fez vedor da sua fazenda.

15—D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos. D'este governo passou ao das Armas da provincia do Alemtejo cuja occupação teve por muito tempo.

16—Martim Afonso de Mello, conde de S. Lourenço. Foi bom governador ainda que aspero na justiça.

17—Nuno de Mendonça, conde de Valle de Reis. Governou poucos mezes por uma carta de el-rei enquanto não voltava o conde de Obidos para este governo.

18—D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, governou dois annos, e foi por visó-rei para a India.

19—Francisco de Mello Monteiro mór do reino. Tinha sido embaixador na corte de França. Governou bem.

20—Nuno de Mendonça, conde de Valle de Reis; governou sete annos e meio com louvaveis acertos.

21—Martim Corrêa da Silva, neto do 1.º governador; tinha-o sido de Mazagão, e da torre de S. Gião (S. Julião da Barra).

22—D. Luiz de Almeida, conde de Avintes. Fez bom governo.

23—D. Nuno de Mendonça, conde de Valle de Reis, outra vez governador d'este reino,

tendo sido presidente da camara de Lisboa. Mandou reparar a casa da Misericordia de Lagos, a igreja de S. Pedro, e fez outras obras de piedade. Fez tambem a famosa escada do castello da mesma cidade, o cano da agua, e muitas fortificações. Foi para Vedor da fazenda.

24—Nuno da Cunha de Athayde, conde de Pontével. Tinha sido mestre de campo general no exercito do Minho. Fez as casas da camara de Lagos e um poço na praça com publica utilidade.

25—Simão Corrêa da Silva, conde da Castanheira. Foi de inteira justiça; reparou muitas fortificações, e fez outras obras utilissimas.

27.—D. Luiz da Silveira conde de Sarzedas. Principiou a fortaleza da ponta da Bandeira, que defende a bahia de Lagos, e fez os armazens das armas que estão na praça da mesma cidade.

28.—D. Francisco Luiz da Gama marquez de Niza. Foi muito amigo da justiça, acabou a fortaleza da ponta da Bandeira que começou o conde de Sarzedas na bahia de Lagos.

29.—Ayres de Saldanha. Foi bom governador, e fez um armazem na cidade de Silves, e o corpo da Guarda, e outros reparos necessarios.

30.—D. Fernando Mascarenhas, marquez da Fronteira. Foi vigilantissimo governador d'este reino, e muito desinteressado. Não houve no seu tempo falta de mantimentos por evitar o saque d'elles para fóra.

Tambem se empregou muito nos reparos das fortificações da marinha. Deu principio a uns fortins (obra utilissima) na meia praia de Lagos, que não acabou por não estar mais tempo no governo.

E' do conselho de Estado de el-rei D. João o 5.º Nosso Senhor, Vedor da sua fazenda, e Academico da sua Real Academia da Historia Portugueza.

Foi governador das armas dos seus exercitos, e sempre satisfez dignamente a todos os seus empregos.

31.—D. Antonio de Almeida conde de Avintes. Foi governador cuidadoso e de boa justiça. Fez em Villa Nova de Portimão o armazem da polvora.

32.—D. João de Alencastre. No pouco tempo que governou fez quantidade de levas de cavallos para a provincia de Alemtejo, aonde foi tambem assistir na campanha de Xares, e sem embargo de que tornou ao governo; foi por pouco tempo por lhe sobrevir a morte, estando em Lisboa.

tem, não sei o quê de suave de nebuloso que só pertence ás raças afinadas do Norte.

E não obstante, reina em todo aquelle conjunto, uma tão perfeita harmonia, que se dizia ser o costume, inventado precisamente para a fada que o usa.—Para esta fada que escreveu algures: «A Toilette não é uma cousa indifferente. Faz de vós um objecto de arte, animado, com a condição de serdes vós, o enfeite do vosso enfeite.»

Com que palavras podes descrever as feições de esta rainha?

Como isso é delicado e difficil! Parece que as expressões vulgares que se empregariam fallando de qualquer outra se tornam de repente irreverentes, tanto o respeito se impõe desde que se trata de ella. Vem no—sorriso a eterno moidade, nas faces um inalteravel aveludado côr de rosa; nos dentes a alvura lactea da porcelana.

Mas os seus magnificos cabellos, que se vêm atravez do veu semeado de fios prateados, são quasi brancos!... «Os cabellos escreveu ella nos seus *Pensamentos* são as pontas de espuma que cobrem o mar após a tempestade.»

E como exprimir o encanto unico do seu olhar, d'esses olhos garços, limpídos, um pouco fundos sob a sombra da testa larga e pura: encanto de suprema intelligencia, encanto

da infinita profundidade de secreta e sympathica penetração, de soffrimento habitual e de immensa piedade! *Três changeante* é a expressão d'este rosto, embora o sorriso lhe seja quasi habitual. «Isto faz parte do nosso papel, disse-me ella um dia, a sorrir constantemente como os idolos.»—Mas este sorriso de rainha tem muitas côres diversas; algumas vezes é repentinamente, de uma alegria fresca, quasi infantil; outras é um sorriso de melancolia resignada, esses instantes, mesmo de uma tristeza illimitada.

Dos desgostos que tem embranquecido os cabellos de esta soberana conheço eu um,—que posso, melhor do que ninguem comprehender,—e que me é permitido dizer: no meio do grande jardim de uma residencia real, levaram-me por sua ordem junto do tumulo de uma pequenina princesa que se parecia com ella, que tinha herdado as suas feições e sua pura e linda testa.

Sobre o tumulo li: «não choreis; ella não está morta; dorme.»

E realmente a pequenina estatua deitada parece dormir tranquillamente no seu vestido de marmore.

«não choreis» não obstante a mãe da pequenina adormecida, chora ainda e chora amargamente a sua filha unica.

(Continua).

FOLHETIM

A EXILADA

POR

PIERRE LOTI

DA

ACADEMIA FRANCEZA

CARMEM SYLVA

Novembro de 1887.

No decorrer da minha vida errante, aconteceu-me, uma vez, parar em um castello encantado, em casa de uma fada.

O longiquo som da trompa que soava nos bosques, teve o poder de fazer reviver, para mim, as minimas recordações d'esta habitação.

E' que o castello da fada estava situado no meio de uma floresta profunda em a qual se ouviam constantemente as cornetas militares de timbre grave, corresponder-se como que de muito longe. Estes sons estranhos, desconhecidos, tinham uma melancolia, á parte, pareciam supplicas magoadas cantando no ar sonoro que se respirava ali—o ar silencioso, vivo e puro dos cimos...

A musica tem, para mim, um completo poder evocatorio; farrapos de melodias têm con-

33.—D. Manoel José de Castro conde de Monsanto. Foi excellent governador, muito amado e estimado de todos, amigo da justiça, propendendo mais para a piedade.

Fez um corpo da guarda muito bom na praça da Villa Nova de Portimão, e acudio a muitos reparos da marinha.

34.—Martins Antonio Affonso de Mello e Silva, conde de S. Lourenço. Governou bem e com muita justiça. Fez um armazem para armas no Trem de artilheria de Lagos. Falleceu em Lisboa em... de... de 1718.

E por não haver n'este reino por morte do sobredito governador residente, e está governando o sargento-mór de batalha Melchior da Costa Correia Rebello, com aquelle cuidado digno de sua experiencia e sciencia militar.

GABRIEL PEREIRA.

VENDEM-SE

Por BAIXO PREÇO acções da empresa do jornal o «Algarvio».

Quem pretender dirija-se á redacção do «Louletano».

De visita ao seu velho amigo sr. José Mendes Jara, esteve na sexta-feira passada n'esta villa o nosso distincto amigo sr. Manoel José de Mattos Sanches, abastado proprietario de Faro, que n'estes ultimos dias tem experimentado consideraveis melhoras.

Acha-se a banhos na praia de Setubal a nossa distincta collaboradora a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Angelina Penedo de Sequeira Manso. S. ex.^a conta demorar-se o outomno n'aquella mimosissima estancia balnear.

Consta-nos que se vae publicar um novo jornal politico em Villa Real de Santo Antonio, de que será redactor principal o nosso amigo e correligionario sr. Frederico Ramirez illustre deputado por aquelle circulo.

Bem vindo seja o novo collega.

Salir

Realisam-se nos dias 13 e 14 do corrente mez n'esta importante povoação do concelho de Loulé a costumada feira e festa a Nossa Senhora ao Pé da Cruz.

A feira é uma das mais importantes das freguezias ruraes e a festa deve ser este anno feita com todo o brillantismo, havendo fogos no dia 13 á noite, e missa solemne por musica vocal e instrumental, sermão e procissão no dia 14.

A todos estes actos festivos concorrerá a excellente philarmonica *Artistas de Minerva*, que como sempre saberá desempenhar-se á altura da justa fama que tem adquirido.

E' juiza da festa a interessante filha do nosso presado amigo sr. Manuel de Souza Euzebio, ex.^{ma} sr.^a D. Maria Thereza de Jesus Euzebio, do Morgado de Salir, que pelos seus avultados meios de fortuna e espirito caritativo dispõe merecidamente das sympathias e respeito de todos os habitantes da freguezia de Salir.

Desejamos que a festividade corra conforme o empenho dos seus executores, fazendo votos tambem para que a feira se realice com transacções uteis e de importancia para os lavradores da região tão infelizes este anno nas suas colleitas.

Em um baile publico. Passam quatro damas muito elegantes:

—Quem são aquellas senhoras? pergunta um estrangeiro ao amigo em casa de quem se hospedava.

—São quatro meninas *amemos*.

Para banhos:—O nosso amigo sr. Joaquim Claudio Raphael Pinto, digno secretario da camara municipal acompanhado de sua familia partiu na sexta-feira para Albufeira a fazer uso dos banhos salinos.

Pela professora official de Quarteira, a sr.^a D. Maria de Pilar Ramos, foram ultimamente apresentados a exame elementar dois alumnos que ficaram aprovados obtendo ambos a classificação de bom.

Um d'elles, filho do nosso amigo sr. Manoel Antonio Neves é muito aplicado ao estudo, pena é que seus paes não possam dar a seu filho educação superior.

Parabens á illustrada professora por ter dado provas da sua muita competencia, assiduidade e zelo para o espinhoso cargo que occupa.

Um reitor de... tisanas

A nomeação do pessoal para os exames d'ensino elementar e complementar no concelho de Loulé deu este anno *agua pela barba* ao sr. boticario Vicente Baptista Pires, reitor do lycee de Faro, por merecê e graça da *ingenuidade*, na decadencia do nephelibatismo Dias Ferreira.

O sr. boticario-reitor nomeou para presidir aos exames um cavalheiro muito nosso amigo, mas teve de *engulir* essa nomeação poucos dias depois, porque á frente do partido do sr. Marçal Pacheco se lhe apresentou a *energia governativa* do sr. dr. Matheus Teixeira impondo um outro nome, mais *competente*, mais *proprio* para o desempenho de tão *rendoso, elevado e honroso* cargo.

O sr. F. A. Quintanilha de Mendonça, ex-inspector d'instrução primaria e actualmente adido ao lycee de Faro, havia, é verdade, escripto ao nosso *malaventurado* amigo, primeiro nomeado, *em nome do sr. boticario-reitor, pedindo a fineza da aceitação do cargo cuja nomeação era remetida na mesma data* para a administração de concelho de Loulé; mas o *energico* governador appareceu com a referida nomeação em *punho*, escoltado pelas *agueridas hostes do muito poderoso senhor de Loulé*, e o boticario *prometteu*.

Mas a seriedade do sr. Quintanilha oppoz-se ainda por um momento á pusilanimidade do sr. reitor-tisaneiro; tendo alfin de ceder ante a superioridade official do boticario, tremulo só por se lembrar da *energia* do sr. dr. Matheus Teixeira.

Ficava, porém, assente que o sr. Pires seria reitor-cataplasma: enguliria a nomeação já feita, mas não faria a substituição imposta. E, radiante, lá vae agora reitor-xarope em cata do *energico* governador, melifluamente expôr os resultados a que havia chegado a sua baixesa, temperada com uns laivos de *pundonor alheio*.

Aqui, o *sympathico* governador, não sabemos se por se ver desamparado pelo *seus valentes amigos* de Loulé, transigiu, cedeu, accitou a *cataplasma*, saboreou a xaropada; e nós, encarregados de defender a sua *energia governativa á outrance*, francamente lhe diremos que andou mal.

O sr. dr. Matheus não esteve á altura dos seus creditos; deixou que lhe fizessem a applicação d'uma cataplasma, o typo dos emolientes, e a sua energia *resolveu* na fraqueza commum dos simples mortaes; provou do xarope, lambeu os beiços, mas não deu pelo poder asthenico da botificada.

Mais outro desastre d'esta ordem e o sr. dr. Matheus está irremediavelmente perdido; nem mesmo nós acharemos forças para o *defender*.

O boticario enguliu a nomeação, faria tambem a substituição.

Quem até se dispunha a guardar um officio que pertencia á administração do concelho de Loulé para encobrir ou subtrair as provas do miseravel e vilissimo acto que praticara, deixando comprometido sr. Quintanilha, a quem havia incumbido de *pedir finezas* que, concedidas, despresava sem pudor, era muito capaz d'ir mais longe e fazer tudo quanto de repugnante a *energia* do sr. governador civil mandasse.

Não se queixe, pois, o sr. dr. Matheus se os *amigos de cá* lhe inflingirem o merecido castigo.

O *papão dos desacatos e enxovalhos*, apresentado ao boticario produziu effeito, o que não admira, porque se o *homemzinho* tem sempre vivido com venenos, como dizia o padre-mestre Vivas, tambem tem manipulado muitas *papas, xaropes e tisanas*; agora o que pasma é que o lendario terror das creanças e dos cobardes tambem *influisse* no *arroganho energico* do *sympathico* governador.

No fim de contas... reles politiquices e asquerosas boticadas.

E' conduzida hoje procissionalmente, para a igreja parochial de S. Sebastião, a veneranda imagem de N. S. da Piedade.

Formarão o prestito todas as confrarias das duas freguezias da villa.

Regressou das Caldas de Monchique a Faro o digno par do reino sr. Luiz de Bivar e sua ex.^{ma} esposa.

Pensamento de um bebedor:

—O dinheiro... cá para mim é cousa que me não apetece... ainda que fosse millionario, poderia eu estar mais bebedo de que estou?

Tem passado incommodado de saude o nosso particular amigo, sr. dr. José Lapa F. Manuel, distincto advogado d'esta provincia e deão da sé de Faro.

Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

Foi promovido a juiz de 2.^a classe e collocado na comarca da Ribeira Brava o sr. dr. Antonio Maria Pina d'Azevedo Castello Branco, que antes exercia o mesmo logar na comarca de Monchique.

O integerrimo magistrado ao retirar se de aquella villa foi acompanhado pelos principaes cavalheiros d'aquella terra até Portimão onde lhe foi offerecido um lauto jantar a que assistiram os srs. drs. Cabrita e Faria seus particulares amigos.

Sua ex.^a parte brevemente para a comarca para onde foi despachado, seguindo por Castromarim onde vae ser padrinho d'um filho do seu muito amigo sr. Francisco S. de Souza Rocha, escrivão de fazenda d'aquelle concelho.

Que faça uma boa viagem é o que do coração desejamos.

Jornaes:—Recebemos mais a visita de dois collegas, um que se publica em Torres Novas com o titulo de *A Renascença* e que ha pouco encetou a sua publicação, e outro intitulado *O Meridional* que já ha tres annos se publica na villa de Montemor-Novo.

Agradecemos e enviamos em troca o nosso semanario.

Partida:—Na sexta-feira á tarde partiu para Albufeira a fazer uso dos banhos de mar o nosso amigo sr. Sebastião Drago de Azevedo Lobo, digno escrivão do juizo de direito d'esta comarca e sua familia.

Caminho de ferro de sul e sueste

Cá estamos novamente na brecha.

Não vamos fallar d'esta vez do estado lamentavel e vergonhoso em que se encontra a *gare* da estação de Loulé, nem tampouco nos referiremos á falta sensível d'uma cobertura, na mesma *gare*, que resguarde os passageiros dos ardentes raios solares.

Nada diremos a tal respeito, porque já em outro tempo nos referimos a este assumpto, tendo alguém levado a mal que pugnassemos em defeza dos interesses e commodidades dos passageiros que concorrem áquella estação.

Hoje vamos fallar do pessimo e incommodo serviço do caminho de ferro do Algarve ao ramal d'Evora-Extremoz.

Este comboio sae de Loulé ás sete horas da manhã e só chega a Extremoz á meia noite; isto é n'um percurso mais curto do que de Loulé a Lisboa, demora este ronceiro comboio mais tempo.

Um passageiro entra para o unico compartimento de 1.^a classe que o comboio leva e fica logo horrorizado com a falta de asseio que ali encontra, nodos por um lado, porcaria por outro, emfim um pessimo compartimento a que se dá o nome de 1.^a classe.

Só a campanha, toca o apito, silva a locomotiva e ali se põe o comboio em marcha lentamente, morosamente, com a morosidade das nossas coisas officiaes; dentro em pouco o fumo e o calor suffocam, os passageiros; alguém que vai em segunda classe e pretende resguardar-se do sol, pucha as cortinas das janellas, mas estas de nada servem porque se acham estragadas.

Depois do calor apertar mais e que o comboio pára em alguma estação, os passageiros apeam-se na intenção de beberem um copo d'agua, mas ficam surprehendidos quando não a encontram, protestam contra tal facto e o chefe da estação responde-lhes que não tem agua, porque, apezar das repetidas reclamações que tem feito, ainda lhe não forneceram uma talha!

N'outra estação mais adeante encontram talha, mas não agua e n'outras nem talha nem agua; esta falta é muito para lastimar principalmente na epocha de calor que atravessamos.

Em Beja tem este *bello* comboio duas horas de demora e uma longa paragem na Casa Branca, no regresso para o Algarve têm os passageiros que estar desde as 3 horas da madrugada até ás 6 na Casa Branca á espera que algum comboio os conduza ao seu destino, mais tarde nova demora de duas horas em Beja.

Ora não seria possivel estabelecer um outro horario por meio do qual os passageiros não soffressem tantos incomodos, e seguis-

sem directamente ao seu destino sem estas aborrecidas paragens?

Não seria tambem possivel melhorar em asseio e commodidades as carruagens que n'elle circulam, bem como todos os outros serviços dependentes da direcção d'esta linha?

Os factos que são bem conhecidos do publico aqui os deixamos expostos á consideração do senhor director dos caminhos de ferro de sul e sueste para que os resolva de harmonia com os interesses do publico, a quem temos ouvido continuas e repetidas queixas e que tem direito a ser bem servido e a merecer mais alguma attenção não só por parte do sr. director como de todos os empregados da linha.

Tivemos o prazer de ver n'esta villa na semana que findou o nosso prezado amigo sr. Antonio Vaz Mascarenhas Junior

Começa hoje a novena a N. S. da Piedade, na egreja parochial de S. Sebastião, d'esta villa.

Nascimento:—A esposa do nosso amigo o sr. Francisco Lourenço Callado, deu hontem á luz uma robusta menina.

Ao nosso amigo, sua ex.^{ma} esposa e familia as nossas felicitações.

Realizou-se nos dias 29, 30 e 31 do passado mez a maior feira d'este concelho e uma das mais importantes d'esta provincia. Hoje devido á crise que atravessamos e que muito tem prejudicado a agricultura, o commercio e a industria, esta feira perdeu parte da sua importancia, porque as transacções são menos numerosas e feitas com mais difficuldades.

Outras causas influram tambem n'este resultado, taes como o anno ter corrido mau para os lavradores e os negociantes de cortiça ainda não terem realizado as suas vendas.

Ainda assim muita gente affluir a esta villa por occasião da feira.

Estiveram n'esta villa durante a occasião da feira os nossos estimados amigos os srs. João de Figueiredo Mascarenhas abastado proprietario de S. Bartholomeu de Messines e Joaquim Thomé de Souza Reis Remechido bemquisto commerciante d'aquella localidade.

Demoraram-se alguns dias n'esta terra os seguintes empregados viajantes: o sr. João Lourenço Móra, digno empregado da casa Antonio Portella & C.^a representante de varias outras casas da capital; o sr. Modesto R. Garcia representante da importante casa Cupertino Ribeiro & C.^a; e o sr. Antonio da Silva Marques, empregado da acreditada casa commercial de Lisboa Diogos da Silva & C.^a

Acha-se a uso de banhos em Tavira o nosso amigo sr. João Luiz Bramão Coelho, digno escrivão de fazenda em Lagos.

PORQUE SERÁ?

Não nos amedrontam os insultos nem nos intimidam as ameaças; continuaremos no proposito firme de seguir o caminho da recludão que traçamos, dizendo as verdades, *dão a quem doer, amargue a quem amargar*.

Lá diz a sabedoria das nações: *arde-lhes é pimenta, o que arde é que cura*.

Uns individuos, sem responsabilidade juridica, que antes se dirigiram os maiores insultos, estão hoje constituídos em sociedade, sem responsabilidade de cathogoria alguma, limitada ou illimitada, para lançarem sobre pessoas dignas e sérias, os insultos com que outrora reciproca e mutuamente se mimosearam.

Estão perfeitamente no seu elemento; fóra d'elle, coitados, nada sabem fazer, têm toda a sua vida andado de rastos a chafurdar na lama, d'ella nunca sahirão e n'ella hão de morrer.

A *pureza* das suas acções está em completa e perfeita harmonia com a *limpeza* do corpo e do fato. Sujos, immundos por fóra e podres por dentro, o halito que exhalam denota podridão completa.

Podeis continuar a lançar sobre nós as vossas babuseiras, podeis continuar livremente os insultos; para nós agrada-nos mais ser insultados por uma certa classé de individuos do que ser por elles elogiados, porque do elogio poderia o publico concluir que, a respeito de dignidade e seriedade, calçavamos os mesmos pontos.

Nós bem sabemos o que lhes dóe, é reconhecerem mesmo nos insultados, dignidade e independência, qualidades estas que os detractores nunca possuiram, pois não são mais que uns manequins que automaticamente obedecem ao cordel que o palhaço tem na mão. O mais vil rafeiro depois do dono lhe ter applicado uma boa sova, vai de rastos lançar-se-lhe aos pés e lambem-lhe as botas, porque o dono lhe ordena.

Ha chagas e mazellas que só cedem á applicação d'um forte cauterio e por isso o iremos applicando embora conheçamos que a podridão se alastra pelo organismo inteiro.

Continuaremos dizendo as verdades e perguntando porque será que o **conservador d'esta comarca** não paga ha annos as suas contribuições, porque será que devendo agora **seiscentos mil réis** ainda não entrou com elles na recebedoria?

Porque será que um João Pacheco, mano do sr. Marçal Pacheco não paga **trezentos mil réis** que deve?

Não nos amedrontam os truões de feira, nem os atletas de esquina.

Vimos n'esta villa na terça-feira, 29, o nosso particular amigo Evaristo Penteado, importante e conceituadissimo commerciante estabelecido em Faro.

Carta

Sr. redactor:—Ludibriado durante mezes, pesando sobre mim a responsabilidade de accusações tão calumniosas e infames como injustas, assacadas contra um homem a quem um dever sagrado me obriga a dispensar todas as provas de gratidão, faltava-me ainda ser escarnecido pelos proprios que, abusando da minha boa fé, portanto tempo me trouxeram illudido e na *imminencia* de soffrer duras penalidades, se tanta não fosse a bondade e generosidade de caracter do cavalheiro infamado a coberto com a minha humilde pessoa.

Porque não sei escrever para jornaes e os meus muitos annos tem enfraquecido a minha vista e ouvido, tem v. sido accusado de falsario nas declarações que tem feito em meu nome, com relação á responsabilidade de editor do *Algarvio*, e eu vilipendiado e metido a ridiculo, agora por não ver bem e ouvir o que assigno, logo por nem sequer conhecer o que em meu nome se affirma.

Ora, como é possível que haja ainda quem seja mais cego de vista e espirito do que eu, e tenha a ingenuidade de acreditar em quem de ha muito só tem a mentira por norma em todos os seus escriptos, venho pedir a v. mais uma vez a fineza de declarar que tudo quanto o *Louletano* tem publicado relativamente á minha responsabilidade e procedimento como editor do *Algarvio* é rigorosamente verdadeiro, tendo eu tido de tudo prévio conhecimento e havendo prestado a tudo o meu assentimento **multo expontaneamente**.

Se a *troça* continuar prometto fazer a v. algumas revelações curiosas.

Loulé, 1 de setembro de 1893.

De v. etc.,

ANTONIO PEDRO ROMEIRA.

(Segue-se o reconhecimento).

Esteve em Loulé na terça-feira da semana finda, o sr. Gustavo Cabrita, nosso esclarecido collega do *Futuro*.

Tem occorrido em Hespanha, S. Sebastian e Bilbao, acontecimentos estremamente graves, indícios d'uma agitação seria, que pode muito bem trazer consequencias de vulto para as instituições da peninsula.

Em S. Sebastian houve muitos ferimentos e algumas mortes, aos gritos de vivam os forros, morra Sagasta, ficando os vidros das janelas do hotel onde se encontrava o primeiro ministro hespanhol completamente partidos e tendo a ordem sido estabelecida só muitas horas depois de a revolta se ter manifestado.

Em Bilbao foram as manifestações promptamente abafadas, para reaparecerem em breve.

Haverá alguma ligação entre estes acontecimentos e os ultimos tumultos dos operarios de Lisboa? E' muito possível, e se assim é, a situação apresenta-se digna de merecer toda a atenção, affim d'evitar resultados funestos, que o desleixo pode precipitar.

Lisboa, 30 de agosto

Epocha morta para a politica, como lhes disse na minha ultima correspondencia, os nobres ministros não têm podido, apesar d'isso, gozar socegradamente as suas villegiaturas, porque acontecimentos importantes deman-

dando toda a sua atenção, e reclamando uma prompta solução, seriamente os têm preoccupado, e por algum tempo exigirão o estudo maduro e bem reflectido.

E' notoria a campanha levantada por toda a imprensa contra a policia de Lisboa.

Iniciada pela *Vanguarda* que dirigiu os seus ataques principalmente contra o sr. Pedroso de Lima, deu em resultado proceder-se a uma syndicancia aos actos d'aquelle funcionario, syndicancia que teve como primeira consequencia, a demissão d'aquelle commissario, a do seu respectivo escrivão, e a do escrivão d'outra divisão, que tendo servido na syndicancia teve de ser substituido n'aquelle serviço por inconfidente.

Este procedimento do sr. ministro do reino satisfaz em geral a opinião publica, que sempre confiou, que ultiores determinações viriam attender os clamores geraes contra a instituição policial, purificando-a dos seus vicios e dos seus defeitos, e pondo-a á altura de cumprir a sua missão em conformidade com as exigencias da epocha, em que vivemos.

E o sr. ministro do reino correspondeu a essa confiança; a reforma policial deve ter sido hoje publicada no *Diario do Governo*.

O pensamento capital da reforma, segundo diz uma folha da manhã, é distribuir todos os serviços em tres ramos fundamentaes, cada um d'elles com a sua discussão e organização proprias; ao 1.º compete a segurança publica, ao 2.º a investigação judiciaria e preventiva, ao 3.º a inspeção administrativa.

O primeiro d'estes serviços será incumbido a um corpo, especialmente organizado, sob a direcção de officiaes do exercito, que dizem serão os srs. major de cavallaria Moraes Sarmiento e capitães d'infanteria João Dias e Raimalho Ortigão.

O segundo d'aquelles serviços será incumbido a um magistrado especial, que dizem será o sr. juiz Veiga, tendo um ajudante, que ainda se não sabe quem será.

O terceiro d'aquelles serviços será incumbido a um inspector, que dizem será o sr. Moraes Sarmiento, actual commissario geral, cujo logar é extincto, bem como os de commissarios de divisão, que serão devidamente aproveitados em harmonia com as suas aptidões.

Eis summariamente os pontos principaes da reforma, da qual parece que um dos pensamentos é alheiar por completo a influencia politica: a reforma interessa exclusivamente ao districto de Lisboa, e se a experiencia mostrar, que ella dá salutareos resultados, servirá de base para uma remodelação geral dos serviços policiaes.

—Como é sabido uma das consequencias d'esta campanha foi a aggressão pessoal de que foi victima o sr. Alves Correia director da *Vanguarda*, e contra a qual o *Louletano*, bem como toda a imprensa tem solemnemente protestado; revoltando-nos tambem sobremaneira contra tão lamentavel acontecimento, não podemos tambem deixar de lavar aqui o nosso protesto contra essa aggressão, tão brutal como infame.

—Esta campanha contra a policia mereceu especialmente do *Diario Popular* uma série de magnificos artigos, que com certeza terão sido ahi, como em toda a parte, devidamente apreciados.

Cheios de verdades amargas, têm posto bem a descoberto esses tristes quadros de vergonha e de miseria, que abundam n'esta nossa capital.

Os que nos representam, a prostituição das menores e a exploração das creanças, quer seja feita nos alcoices, quer seja feita pela mendicidade industriosa, compungiram-nos sinceramente.

E do coração juntamos os nossos votos aos d'aquelle jornal, para que, com o fim de curar o primeiro d'aquelles males sociaes, se estabelecesse uma casa de correcção para menores do sexo feminino, e para curar o segundo se estabelecesse um asylo, onde fossem recolhidas e educadas todas as creanças, que a policia deve arrancar ás mãos dos mendigos, e aos alcoices da capital.

Seria isso uma obra de alta moralidade, mais do que isso, altamente humanitaria.

—A crise operaria em Lisboa entrou n'uma phase aguda e séria. Os operarios, não confiando já nas promessas da auctoridade, e não se sujeitando ao abono do rancho que lhes tem sido fornecido nos quartéis da guarnição, appellaram para as manifestações nas ruas, para se imporem pelas ameaças promovendo as arruaças e a desordem.

Precedendo annuncio nos jornaes da manhã de sexta-feira, reuniram-se algumas cen-

tenas de operarios ás onze horas da manhã na rotunda da Avenida, resolveram percorrer em bando as ruas da cidade, levando arvorados dois estandartes, um com a divisa — A classe trabalhadora pede trabalho — e outro dizendo: Não é com rancho que se governam as nossas familias.

Na sua peregrinação houve varias refregas com a policia, até que na rua da Palma um *parlamentario* do sr. governador civil lhes determinou que nomeassem uma comissão, que fosse conferenciar com elle pois já havia ordem para lhes dar trabalho. Os operarios receberam esta determinação, e, nomeada a comissão para aquella conferencia dispersaram em boa ordem. O governo deu trabalho aos que pode, e prometeu empregar brevemente os restantes.

Isso porém não agradou e houve nova procição, novas arruaças, em que os operarios atacaram violentamente a policia, ferindo gravemente alguns guardas, que lhes aconselhavam prudencia, e dispersando só em presença d'um piquete da guarda municipal, que felizmente não chegou a fazer uso da força.

Ora isto seguramente não pôde continuar assim: o governo precisa compenetrar-se de que a rua não pôde estar á mercê de qualquer bando de amotinadores de profissão, que a pretexto de crise de trabalho, e intitulado-se operarios, andam pela cidade em cortejo tumultuario, empunhando estandartes com inscrições provocadoras, e perturbando a ordem publica.

Desde que o ministro das obras publicas, attendendo ás reclamações dos operarios, que se viam sem ter que fazer, os empregou nas obras do Estado, que os operarios tiveram a concepção do «Estado-Providencia», que será muito democratica humanitaria até, mas que é perfeitamente inexequivel, porque se o fosse, todas as demais classes sociaes, que se vissem a braços com a falta de trabalho, com equal direito appellariam para o governo, que seguramente não tinha nem podia ter campo, em que lhes utilisasse a sua actividade.

E' preciso por tanto ir diluindo no espirito dos operarios essa illusão perniciosa; mas enquanto isso se não consegue, e visto o precedente estabelecido, é preciso debellar a crise, dando trabalho a quem precisa.

Para isso porém, é preciso primeiramente separar o «trigo do joio», e nas circunstancias actuaes isso é um pouco difficil, mas uma vez conseguido, separados os verdadeiros operarios sem trabalho dos arruaçadores, agitadores de profissão, pescadores de aguas turvas, escumalha indigna que apparece sempre á flôr de todos os barulhos, desorientando e precipitando os poucos que são sinceros, d'aquelles o trabalho, de que precisam, e a estes o castigo, que merecem, severo, energico, exemplar!

Repare o governo que estas manifestações occultam manejos revolucionarios, que pôdem ter gravissimas consequencias, e que se torna urgente reprimir com a maxima energia.

Siga o exemplo edificante da França republicana; é recente e insuspeito.

Alí o governo reprimiu energica e severamente os disturbios provocados em Paris, a proposito do encerramento da bolsa de trabalho, e, apesar dos clamores da imprensa revolucionaria, a grande maioria da camara approvou o procedimento do governo e dos seus agentes, calorosamente defendido na tribuna parlamentar pelo presidente do conselho e ministro do interior.

Esse mesmo estadista, o sr. Dupuy, n'um eloquente discurso politico feito ultimamente aos seus eleitores, reivindicou altivamente, como uma gloria, de que se orgulha, a attitud vigorosa que tomou, impondo a todos o respeito da lei. O primeiro dever d'uma democracia ordenada, disse elle, é fazer respeitar a lei, e manter todos os cidadãos dentro do escrupuloso cumprimento dos seus deveres, que não exclue o uso legitimo dos seus direitos». E' possível, diz elle ainda, que em consequencia d'um certo *laisser-aller*, d'um certo desuso de auctoridade, alguns ficaram surprehendidos com a attitud do governo; não me faltaram, é certo, as imprecações e as injurias, de que, de resto, não fiz o menor caso; mas depois veio a reflexão, e disse-se geralmente: esses homens têm razão em impôr a todos o respeito da lei.

Leia-se... medite-se, e siga-se o exemplo.

—No Porto a *grève* dos chapelheiros parece que está em vias de terminar: os operarios d'uma das fabricas já voltaram ao trabalho, e os demais parece tenderem a reconciliar-se com os respectivos patrões: oxalá se harmonisem, e que novos incidentes não ve-

nham augmentar os males, que a *grève* a todos tem causado.

—Inaugurou-se officialmente no domingo ultimo o cabo submarino para os Açores; foi por isso um dia de festa para os povos do archipelago, como o foi para a metropole, porque significa realmente um grande melhoramento.

Ninguém contesta a sua utilidade para os povos açorianos, cujo commercio, industria e agricultura, tudo têm a ganhar; igualmente o é para a metropole, que tem assim em comunicação permanente com a capital uma parte riquissima do seu todo, como nação, a que lhe foi trazida pelos seus heroicos descobridores.

Apesar de todas as difficuldades, felizmente vencidas, o cabo submarino dos Açores é um facto consumado, e é de esperar, que este importante melhoramento venha consolidar os laços indissoluveis, que ligam os Açores ao velho Portugal, e contribuir para se desfazer a idéa separatista, que tem germinado bastante nos ultimos annos e ao mesmo tempo fomentar o progresso das illias.

—Tem sido desfavoravelmente commentado o decreto que reconstruiu a junta de credito publico; não se comprehende, como nas nossas precarias condições financeiras, se vae fixar o ordenado de 2:000\$000 para o presidente e o de 1:600\$000 réis cada um dos vogaes, quando no tempo das vacas gordas o presidente desempenhava o seu logar gratuitamente, e os vogaes tinham cada um o ordenado de 600\$000 réis.

Não se comprehende tambem, como para os dois logares de vogaes, que devem ser preenchidos por eleição dos juristas, cuja eleição devia ter logar hoje; só possam ser eleitos os portadores de titulos no valor nominal de 5:000\$000 réis averbados com um anno de antecedencia, não se estabelecendo a mesma regra para o presidente e para os vogaes eleitos pelos pares e deputados, que podem nem ser juristas, o que não parece muito sensato.

Tem sido igualmente muito commentada a nomeação do novo presidente, sem que ninguém queira melindrar o sr. Pinheiro Chagas, feita pelo governo, sem que tivesse a mais leve consideração para com o sen antigo e honrado presidente, o sr. conde de Restello, que é tambem par do reino, que possui, segun lo se affirma, uns 200 contos em inscrições, que exerceu aquelle cargo durante muitos annos, e sempre gratuitamente.

Esse imperdoavel descuido, que attingiu as proporções d'uma enorme indelicadeza, a tal ponto feriu e magoou o sr. conde de Restello, que enviou logo a S. M. a sua demissão de administrador da caixa geral dos depositos, demissão que, dizem, ainda lhe não foi concedida, apesar d'elle já ter abandonado o logar.

E' isto que tem sido commentado pela imprensa; não deixará de ser mais um pretexto para amargas e desagradaveis reflexões a nosso respeito por parte da imprensa estrangeira, agora occupada em discutir a questão dos credores e os nossos esbanjamentos burocraticos.

(Do nosso correspondente).

LOULÉ—TYP. DO LOULETANO

ANNUNCIOS

SEMPRE BARATO

FAZENDAS, MODAS E CONFECÇÕES

MERCEARIAS

Vinhos finos do Porto e Madeira genebra, cognac e licores

QUINQUILHERIAS

Pannos de seda e crina para peneiras

BOM SORTIMENTO DE GRAVATAS

COLLARINHOS E PUNHOS DE BORRACHA

No estabelecimento

Alexandre J. N. Santos

LOULÉ

SEBASTIÃO CORPAS

COM ARMAZEM DE CEREAES E ESPARTO. NO LARGO DE S. FRANCISCO LOULÉ

PARTICIPA aos seus antigos e numerosos frequentes que acaba de sortir os seus armazens com os seguintes generos:—fava, cevada, milho, trigo, feijão, grão do bico, farinha, farollo, esparto, etc., tudo por preços convidativos.

VENDE-SE

Uma morada de casas terreas com quintal, varanda e poço, situadas na rua da Larangeira, d'esta villa.

Quem pretender dirija-se a D. Eugenia Nobre da Silva, sua proprietaria.

CARREIRA DE DILIGENCIAS

Pablo Garcia Delgado, com trens de aluquer e diligencias para o caminho de ferro e S. Braz, fazendo os trasportes por preços bastante baratos; carros para condução de malas, para toda a parte da provincia e quaesquer carretos.

Encarrega-se de despachar encomendas para qualquer parte.

HOTEL MARQUES

POR CIMA DA «ARCADA DA PRAÇA»
LOULÉ

Permanece aberto e optimamente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo acio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.

NOVA MERCEARIA

DE
J. M. CAMPOS

RUA DA CONCEIÇÃO
LOULÉ

Participa aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir o seu estabelecimento de mercearias onde encontram um completo e variado sortido de generos de primeira qualidade, taes como: assucar, manteiga, farinha, genero, cognac, licores e diversos artigos de quinquilherias, que vende por preços reduzidos.

PASTA DENTIFRICA

INCOMPARAVEL

KALODONT

Aromatica. Refrigerante. Agradabilissima para limpar a bocca depois das refeições ou de fumar, muito commoda para viagem. Approvada pela auctoridade sanitaria. Não affecta o esmalte por mais delicado que seja.

BELLEZA DOS DENTES

EXITO NOTAVEL. EXPERIMENTAL-A É ADOPTAL-A.

Preço de cada caixa 300 réis. A' venda no estabelecimento de

Manoel Rodrigues Corrêa

LARGO DE S. FRANCISCO—LOULÉ

Assucar em quadrados para chá ou café. Novidade na terra. A' venda no mesmo estabelecimento.

ATENÇÃO!...

PABLO GARCIA DELGADO, com estabelecimento de fazendas de algodão, linho, seda e lã, participa a todos os seus freguezes e ao publico em geral, que acaba de receber um bonito e variado sortido de fazendas proprias para a estação de verão tanto para senhoras como para cavalheiros:

Consta de setins-riches-escocozes, irenes, chitas finas, primaveraes, percaes, lãs para vestidos e sedas, tudo da ultima novidade.

Lenços de seda em côres, brancos e pretos. Casomiras meltons e cheviotes, e tudo vende por preços sem competencia!

Pede que visitem o seu estabelecimento na rua de S. Sebastião, n.º 68, 70, 72, 74, e Largo da Barbacam, 10 e 12.

IMPRESSOS

Acham-se á venda n'esta typogra-

phia impressos para Mappas estatisticos do movimento parochial mensal, a 100 réis cada caderno.

HOTEL AVENIDA

PRAÇA, 28—LOULÉ

ESTE hotel recentemente montado, está nas condições de servir bem todos os seus freguezes.

Tambem se encarrega de jantares, lunchs, coias, quer no hotel, quer em qualquer sitio que lhe seja determinado.

Pede a protecção do respeitavel publico o seu proprietario

MANOEL DE SOUZA VINTEM.

VENDA DE CASAS

QUEM pretender comprar doze moradas de casas terreas constando cada morada, de casa de fóra, cosinha e quintal, situadas na rua da Ponte Nova, nos suburbios d'esta villa, dirija-se a João Antonio Rodrigues Mealla, seu proprietario.

COMPANHIA DE SEGUROS

TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA
de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160—1.º

Effectua

SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

O agente em Loulé,

Manoel Rodrigues Corrêa.

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

RELOGIOS, VELOCIPEDES E PIANOS

MANOEL RODRIGUES CORRÊA

LOULÉ

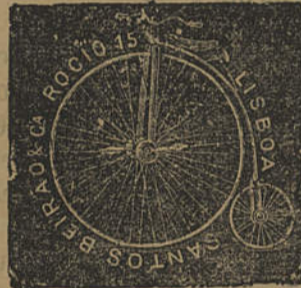
REPRESENTANTÉ DA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.ª

LISBOA



Unicos vendedores da celebre machina **Memoria** que é sem exagero a melhor machina de costura, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas. Tem tambem machinas para sapateiro e alfaiate, assim como de fazer meias, que têm dado maravilhosos resultados, podendo uma mulher fazer 30 a 36 pares de meias por dia. Vende a prompto pagamento ou a prestações. Ensino e concerto gratis para todas as machinas compradas n'este deposito.

Unica agencia da Companhia dos Tabacos de Portugal
NOS CONCELHOS DE

LOULÉ E ALBUFEIRA

Vendas para esta zona nas mesmas condições que a referida Companhia. Deposito em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliqeime, Paderne e Salir.

Armazem de vinhos, aguardente, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão e obra de empreita.

Estabelecimento de mercearias, ferragens, drogas, candieiros, louças, vidros, quinquilherias, bijouterias e

MUITOS ARTIGOS DE NOVIDADE

PREÇOS COMMODOS

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellent vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES IV

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro,

João Pereira d'Almeida.

GUIA

DOS

CORPOS ADMINISTRATIVOS

CONTENDO O DECRETO

DE 6 DE AGOSTO DE 1892

QUE APPROVOU

A Reforma Administrativa
E TODAS

As alterações que tem soffrido o Codigo Administrativo de 1886, desde a sua publicação até ao presente, dispostas pela ordem dos artigos do mesmo codigo.

Publicação util a todos os presidentes, ves readores e secretarios das camaras municipaes, administradores de concelho, membros das commissões districtaes, das juntas de parochia e em geral a todas as pessoas que tramem de negocios administrativos.

PREÇO 200 RÉIS

Pedidos ao edictor A. J. Rodrigues
RUA LUZ SORIANO, 100, 1.º

PHOSPHOROS

Amorphos, cera e enxofre

FABRICA DA

Companhia Nacional de Phosphoros

Unica que apresenta o artigo tão aperfeçoado e por preço sem competencia.

DEPOSITARIO

JULIO MARQUES DA SILVA

RUA MARQUES DA SILVA, 7 (A ARROYOS)
LISBOA

HOTEL DAS NAÇÕES

LARGO DA MAGDALENA, 85, 1.º e 2.º ANDAR

LISBOA

N'este hotel, um dos bem acreditados da capital, encontram os srs. viajantes, pelo preço de 1\$000 réis por dia, um bom tramento e quartos com o maior asseio.

O PROPRIETARIO,
Luiz Augusto Brandão.

TYPOGRAPHIA

DO

LOULETANO

Esta typographia, que acaba de se instalar n'esta villa, está montada em condições de satisfazer a todas as encomendas taes como: procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autoações, recibos, quitações de foros participações de casamento, enveloppes e pape timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200

N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250

N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300

N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, a promptidão e a nitidez, por isso que esta officina tem boas machinas e typo novo.

MOLESTIAS DE PELLE

POMADA STYRACINA, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impingens, nodoas, borbulhas, comichão, dardos, herpes, lepra, panno, sardas e feridas antigas.

Creme das damas

Dá á face e a todo o corpo uma delicada brancura, sem deixar o menor signal; tira as sardas, nodoas, borbulhas e encobre os signaes das bexigas. Cada frasco 1\$200 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio, a Manoel Pinto Monteiro, Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA.

A'S PESSOAS QUEBRADAS

COM o uso por algum tempo do emplastro ANTEUPHELICO se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

PREÇO DA CAIXA 1\$800 RÉIS

Egualmente se remette pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle, ou notas (carta registada) a

Manoel Pinto Monteiro

Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA